



Director literario:

António Maria dos Reis
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

Alvaro Collares
PAPUSSE



O gato vaidoso

POR ANTÓNIO MARIA DOS REIS

DESENHOS DE TIO-TÓNIO

CERTO mattês, tendo em conta,
altas prendas que não tinha,
cuidou ser de pouca monta,
o caçar uma andorinha.

Pôs de parte um belo dia,
feitos comuns e baratos,
crêndo que em breve seria,
herói na história dos gatos.

E trepa, logo, ligeiro,
ardendo em soberba gula,
aos telhados onde, arteiro,
afia as unhas e pula.

Cada andorinha que passa,
inda o palerma se ilude,
mas sempre lhe foge a caça,
cada vez com mais saúde.

E que troça... troça imensa,
fazem de tanta vaidade,
os ratinhos na dispensa
roendo queijo à vontade!...



TIPOS LISBOETAS

O
SO-
TA



POR

AUGUSTO DE SANTA RITA

DESENHO DE TIO-TÓNIO

COM destreza e com despacho
eis o sota a saltar:—upa...!
à garupa
do seu macho:

—«Tac-tac-tac-tac...
rua acima, rua abaixo,
à procura de quem queira,
na ladeira,
o seu macho
em dianteira!

Apesar de «massas» falto,
de ser um pobre diacho,
o sota está sempre alto,
olha de cima p'ra baixo!

—Tac-tac-tac-tac...
pelas rampas e calçadas...
—«Quer, uma ajuda, ó freguez?!...»
As suas bêstas, coitadas,
vão-se-lhe abaixo dos pés!

—«Vá lá a ver!... Atrêla, amarra
a dianteira aos cavalos!»
Põe-se o chicote aos estálos
e principia a algazarra:

—«Upa, upa, upa, arriba!
anda macho
que te racho,...
que te escacho,
eh diacho;
upa, upa, arriba, upa!

Ô-ô-ô-ô-ô-ôh!...

Arqueia o macho o seu dorso,
f'rindo lume na calçada,
e, num titânico esforço,
galga a rampa a carroçada.

Já no cimo da ladeira,
desatrela a dianteira,
com ligeireza e despacho;
e eis, de novo, o sota:—upa...
na garupa
do seu macho!

■ FIM ■

DESFOLHADA

CANÇÃO

Para bandolin
ou violino

Letra e música de
RAUL REIS DE OLIVEIRA

To-dos sa-mi-nham pra ei-ra nu-ma
 a-le-gre ro-ma-ria Vão fa-zer a des-fol-ha-da na mais
 com-ple-ta har-mo-nia Em vol-ta das ma-ça-ro-cas
 to-dos se a-sse-n-tam no chão e põ-em-se a des-fol-har.
 lo-go ao som desta can-ção: De-pois de se ter
 cre-a-do com seu ri-gor e cui-da-do "In-da vai dar
 que fa-zer; o mi-lho é pa-ra dar pão, Os ca-pê-los p'ra
 o col-chão os ca-ro-los par' ar-der de-

I

II

I

II

TODOS caminham p'ra eira numa alegre romaria, vão fazer a desfolhada na mais completa harmonia.

Em volta das maçarocas todos se assentam no chão, e põem-se a desfolhar logo ao som desta canção:

É deles maior desejo tirar pretas maçarocas, pra poderem dar um beijo nas lindas caras larocas!

E assim muito alegremente, rapazes e raparigas dão começo ao bailarico ao som de várias cantigas!

III

III

Depois de ser ter criado com seu rigor e cuidado, inda vai dar que fazer; o milho é para dar pão... os capêlos p'ra colchão e os carolos para arder!

Depois de se ter criado, com seu rigor e cuidado, inda vai dar que fazer; o milho é para dar pão... os capêlos p'ra colchão... e os carolos para arder!

AIDVINHA

Caminhava um homem por uma estrada e, ao deparar com uma capela de almas, fez o seguinte pedido:

— Almas duplicai-me o dinheiro que levo no bolso que eu vos darei um vintem. Imediatamente o homem foi atendido.

Mais adiante encontrou segunda capela e fez igual pedido que logo foi satisfeito.

Encontrando terceira capela e, depois de satisfeito igual pedido, verificou que nada lhe restava.

Quanto levava o homem ao sair de casa?

Por cópia Julio Duarte Rendeiro, 9 anos de idade



OS TRÊS IRMÃOS

POR ANA PINA
Desenhos de E. MALTA



VIVIA na Galiza, num lugar perto Vigo, um velhote que tinha três filhos. João, o mais velho, era cabeleireiro, José, o do meio, era «chauffeur» e Jaime, sapateiro. Quando o pai morreu, os rapazes pouco tempo levaram a dividir a herança, que constava da casita, duma cadela, um gato e um harmónio. Resolveram vir para Portugal tentar fortuna. Na fronteira, cada qual foi para seu lado. Combinaram que, ao fim de dez anos, ricos ou pobres, se

reuniriam na casita onde eles tinham nascido. Antes de se separarem, uma bonita cigana leu-lhes a sina, dizendo que eles haviam de vir a ser muito ricos e felizes, devido à herança que haviam recebido do pai. Os rapazes riram-se, e com razão, visto que cada um apenas herdara uma simples recordação do pai: João, a cadela, José, o gato e Jaime, o harmónio. Com tal herança que podiam eles esperar?

João foi para o Porto e empregou-se numa casa muito afamada e «chic» onde as mais distintas senhoras portuenses, iam cortar e ondular os cabelos. O patrão tinha uma filha, rapariga moderníssima que gostava muito de falar com o elegante espanhol, ao mesmo tempo que ia fumando os cigarros que João punha ao alcance da sua rosada mãozinha. O rosto de Maria Orlanda, assim se chamava ela, era exactamente a montra dum droguista. Usava o cabelo tão





exageradamente curto que, de costas, qualquer a tomaria por rapaz. No entanto, João achava-a encantadora e de bom grado a pediria em casamento se não fosse tão tímido. O sr. Pereira, pai da pequena, tinha um lenço de seda azul que ele nunca largava, porque lho bordara sua falecida esposa. Certa tarde, João ondulava a curtíssima cabeleira de Maria Orlanda, quando ela notou que o pai não tinha o lençinho na algibeira. Foi um reboliço medonho naquela casa! Andou tudo numa roda viva em busca do lenço, e nada... João teve, então, uma idéia luminosa, ao ouvir o sr. Pereira dizer, teatralmente:

Dou a mão da minha filha a quem me achar o meu querido lenço!

A mão de Maria Orlanda! O ideal de João! Correu, logo, a casa, trouxe a cadelinha que herdara e, chegando-lhe ao focinho outro lenço do patrão, gritou: Busca, «Mimososa», busca!...

«Mimososa» partiu como uma sêta. O dono, o sr. Pereira e, a filha correram atrás dela. «Mimososa» chegou à porta do teatro Sá de Bandeira, onde o sr. Pereira fôra nessa tarde comprar um camarote, e, pegando, delicadamente, com os dentes no lenço, que jazia a um canto, foi logo levá-lo ao dono. O sr. Pereira abraçou João, chamando-lhe seu querido genro. O rapaz, comovido, não se atrevia a levantar os olhos, realmente belos, das biqueiras das botas amarelas, que mal se viam sôb as larguissimas calças côr de camarão. Maria Orlanda, para disfarçar a comoção, acendeu um perfumado cigarro. Pouco depois casaram e, devido à «Mimososa» apenas, João era, agora, realmente rico e feliz.

Mas deixemos Maria Orlanda e João e vamos a vêr o que teria sucedido aos outros irmãos. José fôra para Coimbra onde se fizera «chauffeur» de duas senhoras americanas, tia e sobrinha. A tia, «mistress» Georgía, teria cinquenta anos e era ainda notavelmente bela. Os seus cabelos de prata, artisticamente penteados, davam-lhe um ar aristocrático ao rpsto ainda fresco. Trajava sempre de preto. Miss Anette, era uma rapariga elegante, mas não exageradamente moderna como Maria Orlanda. Toda a sua pessoa tinha um ar deliciosamente feminino. Possuía uma magnífica cabeleira castanha, que nunca se resolvera a entregar às irreverentes tesouras dos cabeleireiros, e que lhe emoldurava o rosto sempre risonho. Adorava o automobilismo e guiava admiravelmente. Todas as manhãs dava longos passeios, no seu elegante «Berliet», que ela mesma guiava. José

acompanhava-a sempre. Em breve o jóvem espanhol se sentiu enamorado da gentil americana. Anette também se sentia alraida para ele mas nem um, nem outro se atreviam a declarar-se. Ora, miss Anette, tinha uma prima miss Nancy que a odiava, porque «mistress» Georgía só a Anette deixava a sua imensa fortuna. Se Anette morresse, toda a fortuna seria para miss Nancy. Embora Nancy odiasse a prima, fingia-se muito sua amiga e raro era o dia em que a não ia visitar. Devemo-nos lembrar que José tinha um gatinho, um tigre lindíssimo. Miss Anette vira-o um dia e pedira ao seu «chauffeur» que deixasse andar o gatinho à vontade no palacete. Em breve, Anette e o «Tenente», assim se chamava o maltês, se tornaram os melhores amigos do mundo. Miss Nancy resolveu envenenar a prima e uma tarde levou-lhe uns doces que Anette muito apreciava. Dentro dêles ia a morte da pobre pequena. Contra o seu costume, naquela tarde, Nancy não se demorou e Anette, ficara brincando sobre o felpudo tapete. Ao presentir o aroma apetitoso dos doces, saltou para cima da mēsa, rasgou com as patitas o papel, e dispôs-se a comer os doces. Súbito, o dorso do gatinho sofreu um rápido estremecimento, e o «Tenente», tombou sem vida. Anette, ao voltar, vendo o gato morto e os bolos espalhados, compreendeu as manobras de Nancy. Pegou no «Tenente» e correu, lavada em lágrimas, ao gabinete da tia. José estava com ela, recebendo ordens. Anette contou-lhe tudo entre soluços. Ao verem-se juntos, depois do perigo por que ela acabava de passar, Anette e José, correram um para o outro e abraçaram-se a chorar. Tinham corrido, instintivamente, um para o outro, sem repararem em «mistress» Georgía que os olhava entre severa e risonha. Por fim casaram, e, devido unicamente ao «Tenente», José era finalmente feliz e milionário.

O mais novo dos três irmãos, empregara-se numa sapataria, em Braga. O dono da casa tinha uma irmã muito formosa, como caixeira na sapataria. O sr. Paiva era muito nervoso e, à mais pequena arrelia que tivesse, dava-lhe um ataque que só passava quando alguém lhe tocava ou cantava alguma ária conhecida. Jaime e Joaquina namoravam-se às escondidas. Certa tarde, o sr. Paiva surpreendeu uma carta de Joaquina para o Jaime. Quiz ralar, mas um forte ataque o fez cair redondamente no chão. Joaquina e Jaime acudiram. Que fazer?! Joaquina estava rouca e Jaime era pouco amador de canto. Não perdeu, porém, a serenidade. Foi à oficina buscar o realejo e pôs-se a tocar, desabalada-



mente, a «Rita e o Manecas». Ouvindo o realejo milagroso, o sr. Paiva voltou logo a si. Vendo que Jaime tinha um tal realejo, pensou que lhe seria útil ter um cunhado que tivesse sempre à mão um remédio para lhe acalmar os nervos. Concedeu-lhe a mão de Joaquina. Também este já estava rico e feliz, devido ao realejo. Saíra certo o que a cigana predissera.

Dez anos se passaram. A porta da casita que os três possuíam, em Amoedo, parara um luxuoso auto. Dêle se apearam um elegante cavalheiro, uma senhora envolta em vistosas peles e duas crianças. Eram José, sua esposa e os pequenos Paulo e Maria Antonieta, seus filhos.

— «Faz hoje dez anos, querida Anette, que me separei de meus irmãos. Ricos ou pobres jurámos encontrarmos-nos, hoje, aqui. Eu sou feliz e eles?!»

— «Papá, gritou Maria Antonieta», aproxima-se outro automovel!...

Pouco depois chegavam junto do auto, que já lá estava o auto que conduzia João, Maria Orlanda e sua filha Gisela. Mal tiveram tempo de se abraçar quando chegou ainda outro com Jaime e Joaquina. Oito dias depois, os três irmãos, esposas e filhos, reuniram-se num banquete em casa de José.

E aqui têm, como duma herança tão mesquinha, se fizeram três fortunas magníficas.

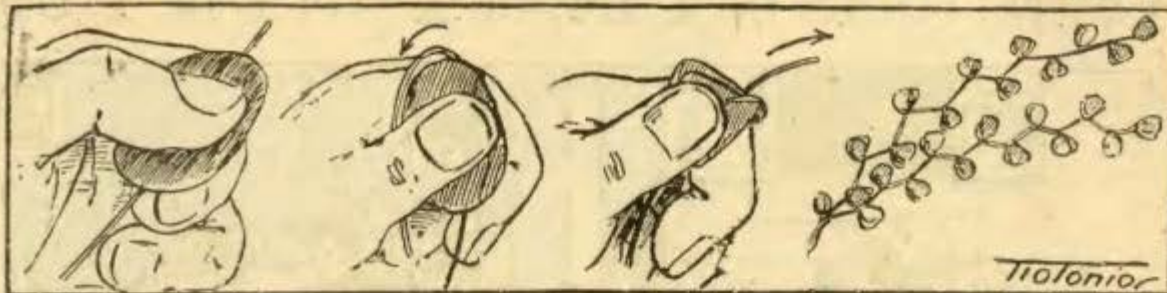
F I M

PARA OS MENINOS TRACEJAREM



Trotonio

HORA DE RECREIO



Tiotonio

PALAVRAS CRUZADAS

Mais flôres de papel

Estão na berlinda as leitoras do Pim-Pam-Pum e têm razão.

Os rapazes já foram muito beneficiados.

Hoje, temos flôres de papel! São de um lindo efeito decorativo mesmo para casas... a sério.

Materials:

— Papel plissado de côr, (o vermelho é o que melhor condiz) que custa em qualquer papelaria, aproximadamente, 1\$00.

— Arame dourado, de cobre, que também não é caro.

O papel é cortado às rodélas, com o diâmetro de uma moeda de 50 centavos, pouco mais ou menos.

As fases da confecção das flôres, observam-se na gravura.

É bom notar que o arame dá uma volta sobre o papel, prendendo-o e não o papel sobre o arame.

As flôres são mais ou menos apertadas nos dedos, conforme se querem mais largas ou mais estreitas.

Brevemente: Um relógio de parede que anda sozinho!...

Tiotonio

SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS E ADIVINHAS ANTERIORES

R	U	A		M	A	R
U	I		J		S	O
I			U	S		U
M			L	A		B
	D	O	I	S		A
R			A			D
I	R				S	O

MORENITA

PROBLEMA N.º 2

- Portalegre
- Tomar
- Odémira
- Lisboa
- Ovar
- Beja
- Loulé
- Marvão
- Peniche
- Lamego
- Coimbra
- Estremós
- Setubal
- Guarda
- Vizeu
- Elvas
- Cascais
- Espozende
- Espinho
- Evora
- Leiria
- Pombal
- Estarreja
- Maíra
- Barzeiro
- Portimão
- Silves
- Santarem
- Pinhel
- Sintra
- Almada
- Penamacôr
- Guimarães
- Moncôrvo

Decifração da advinha: — Espelho.

PROBLEMA

Palavras a lêr horizontalmente no

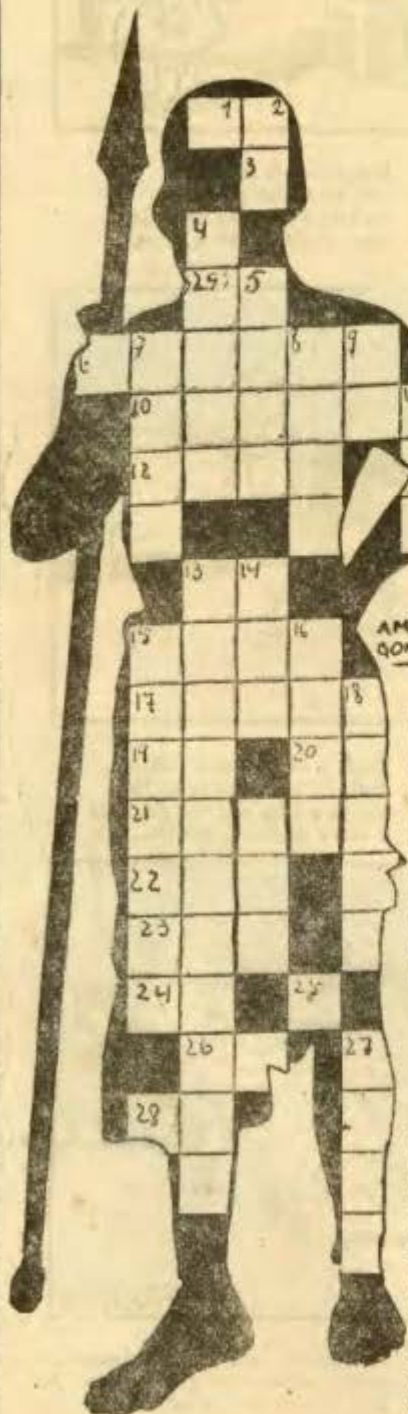
Indígena

- do verbo haver
- vogal
- peixes vulgares nos rios
- amôr poetico e suave

- uma vogal entre três consoantes
- pronome
- o que se apaga ao fogo
- grilhela
- nota musical
- interjeição
- profundidade
- imam
- uma vogal e outra consoante
- vogal
- nota musical
- idem
- vossemecê.

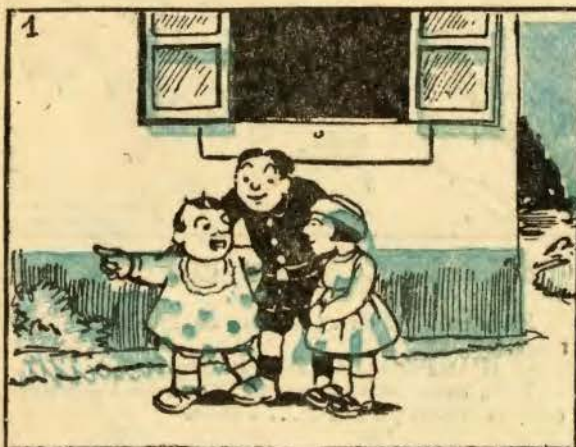
Palavras a lêr verticalmente

- interjeição
- burel de côr parda
- ave pernalta
- auto
- courela
- nota musical
- panela
- aplicação do endiômetro
- gemido
- a voz passiva
- duas vogais e duas consoantes
- vestido de creança
- ave galinaca brasileira.



AMÉRICO GONÇALVES

AVENTURAS DE PIM, DE PAM E DE PUM!

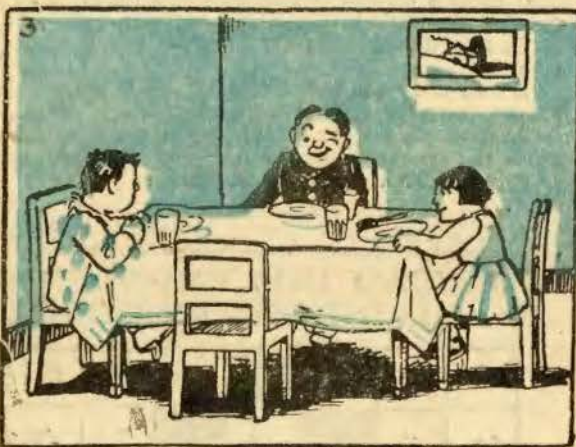


1 Pim Pam e Pum que há já muito não fazem uma pilhéria, resolvem, com mau intuito, procurar D. Pulquéria.

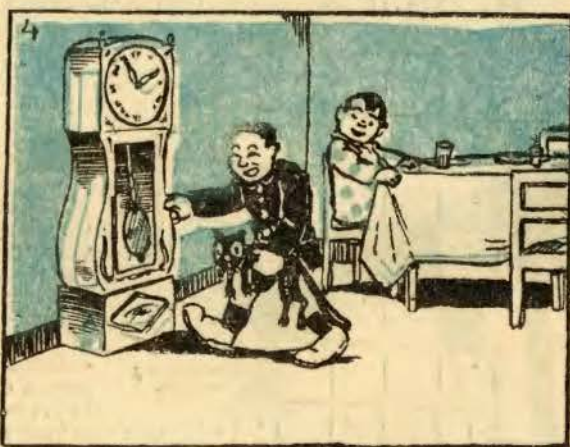


2 Com os olhitos em brasa, diz o Pim, como a saudar: nós vimos entrar-lhe em casa só para a cumprimentar.

Pulquéria reconhecida por tamanha gentilêsa, os três pequenos convida para sentarem-se à mesa.



3 Enquanto D. Pulquéria vai buscar latas de atum, a nossa Pam, muito séria, pisca um dos olhos ao Pum.



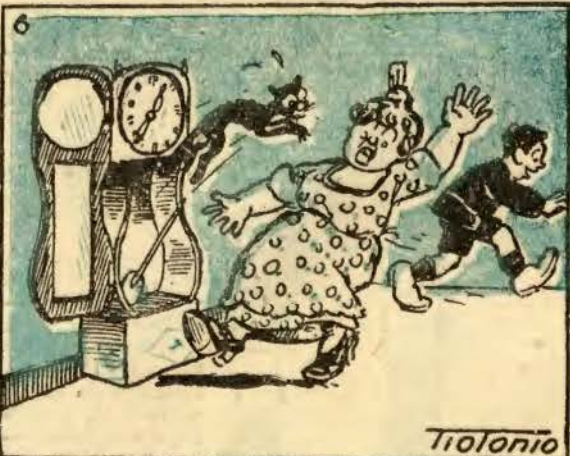
4 Pega a seguir no Tareco, eleva o Tareco ao ar, e espirra: — *dóminus-teco...* para melhor disfarçar.

Logo a seguir, sem demora, abrindo um relógio inglês, atraza-o três quartos de hora e mete dentro o maltês.



5 Ao voltar D. Pulquéria com as latinhas de atum, pergunta a Pam, muito séria, as horas que são ao Pum.

— «No meu, são duas e dez; (volve o Pum com ar esperto) oh, êste relógio inglês, com certêsa, não está certo!»



6 Pulquéria, com grande espanto, brada então: — (o que me diz?!... vou acertá-lo...) entretanto, salta-lhe o gato ao nariz.

Tiolonio